

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 11/06/2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Vanessa Costa dos Santos

É PRECISO LER (OS ROMANCES) DE NOVO:
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO REGIONALISMO NO
ROMANCE BRASILEIRO A PARTIR DE FERDINAND DENIS E SÍLVIO
ROMERO

São José do Rio Preto
2019

Vanessa Costa dos Santos

É PRECISO LER (OS ROMANCES) DE NOVO:
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO REGIONALISMO NO
ROMANCE BRASILEIRO A PARTIR DE FERDINAND DENIS E SÍLVIO
ROMERO

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Infante

São José do Rio Preto
2019

S237p

Santos, Vanessa Costa dos

É preciso ler (os romances) de novo : um estudo sobre a formação do regionalismo no romance brasileiro a partir de Ferdinand Denis e Sílvio Romero / Vanessa Costa dos Santos. -- São José do Rio Preto, 2019

128 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Ulisses Infante

1. Literatura brasileira História e crítica. 2. Regionalismo na literatura. 3. Romances. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Vanessa Costa dos Santos

É PRECISO LER (OS ROMANCES) DE NOVO:
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO REGIONALISMO NO
ROMANCE BRASILEIRO A PARTIR DE FERDINAND DENIS E SÍLVIO
ROMERO

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ulisses Infante
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Lúcia Granja
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Claudicélio Rodrigues da Silva
UFC – Fortaleza

Prof. Dr. Marcelo Almeida Peloggio
UFC – Fortaleza

Profa. Dra. Flávia Nascimento Falleiros
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
11 de junho de 2019

*Para minha mãe,
“veludo escondido na pele enrugada”;
para Flavinha,
que desabrochou em coragem.*

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da minha vida, Mãe, Vilma, Valdirene e Flavinha, por me dar forças para continuar, chorando e se alegrando comigo;

Ao meu pai (em memória), por estar sempre perto, como uma doce e silenciosa presença;

Ao meu orientador, Prof. Ulisses Infante, que me ajudou a construir este trabalho de modo muito generoso, tanto como professor, na disciplina ministrada e voltada à temática deste trabalho, quanto como orientador, com valiosas conversas, orientações teóricas, leitura atenta e disponibilidade. Certamente, este trabalho foi realizado a quatro mãos;

Aos professores Claudicélio Rodrigues (UFC) e Lúcia Granja (UNESP/IBILCE), pela leitura respeitosa e atenta do trabalho e pelas valiosas contribuições, na ocasião do Exame de Qualificação;

Às professoras Giséle Manganelli Fernandes (UNESP/IBILCE) e Claudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP/IBILCE), pelas disciplinas ministradas e carinhosa acolhida no início da minha trajetória neste Programa de Pós-Graduação;

Ao Edson, que chegou como “o ganho não previsto”, pela compreensão e companheirismo já no final deste trabalho;

Aos amigos de perto, Gê e Leo, que tornaram agradável a estadia na pequena Porangatu durante o período de escrita;

Aos amigos de Instituição, os professores Lucas (UEG), Meiriane, Tati (UEG) e Leo Carrer (UEG), pela troca de ideias e compartilhamento de referenciais teóricos;

À Universidade Estadual de Goiás – UEG, por ter possibilitado, de certo modo, a minha permanência neste Programa de Pós-Graduação.

*Sem querer contestá-los, – pois nessa matéria tudo
depende do ponto de vista – espero mostrar a
viabilidade do meu.*

Antonio Candido (2013)

RESUMO

Este trabalho se destina a verificar de que modo se constituiu uma vertente regionalista na literatura brasileira. Os resultados do mapeamento inicial na historiografia literária do século XX, a partir de onze *Histórias* da literatura brasileira, nas seções dedicadas ao tratamento da literatura regionalista, nos fizeram entender que havia uma elaboração discursiva aliada a propósitos políticos para a construção do Estado nacional brasileiro ainda no século XIX. Assim, recorreremos à leitura das *Histórias* publicadas no século XIX, a partir das quais julgamos encontrar as bases para a formação do pensamento sobre a vertente regionalista na literatura brasileira em Ferdinand Denis, no seu *Resumo da história literária do Brasil*, de 1826 e na *História da Literatura Brasileira*, em cinco volumes, de Sílvio Romero, publicada em 1888. Deste modo, passamos a verificar como Denis e Romero ajudaram a organizar critérios que levaram à formação de uma categorização da literatura que atendia à função nacionalizante. Essa sistematização foi responsável pela formação da vertente literária regionalista, na medida em que criou um modo de ler e de produzir literatura. Sobre os processos de construção nacional, nos apoiamos nos estudos de Miroslav Hroch (2000) e Eric Hobsbawm (1990), no sentido de observar pontos comuns ao processo que se tentou implantar aqui, via literatura. Assim sendo, este trabalho foi organizado em duas partes. A primeira, que buscou verificar como se constituiu a vertente regionalista no romance brasileiro, composta por dois capítulos: um, sobre os resultados do mapeamento na historiografia do século XX e as contribuições de Ferdinand Denis, a partir de seu *Resumo*; e o segundo capítulo, sobre Sílvio Romero e a guinada do todo nacional para a regionalização, pensada a partir das concepções em torno da raça, cultura e do método etnográfico, além da construção de um método crítico e interpretativo para a literatura. A segunda parte do trabalho, cujo objetivo foi verificar se há incidência dos aparatos críticos em questão na própria literatura rotulada de regional, foi constituída da leitura de três romances que julgamos importantes para pensar a trajetória dessa literatura dita regionalista. Desta maneira, buscamos pensar essas narrativas a partir do aparato crítico que se pretendeu construir através de Denis e Romero no que se refere à representação da paisagem e à constituição de um povo comum, relacionando com as concepções que se inscreveram na historiografia do século XX.

Palavras-chave: Nacional/Regional; Discurso regionalista; Ferdinand Denis; Sílvio Romero; Historiografia literária; Romance brasileiro.

ABSTRACT

This work aims at verifying how a regionalist strand was constituted in the Brazilian literature. The results of an initial mapping in the literary historiography of the 20th century, from eleven Stories of the Brazilian literature, in the sections dedicated to the treatment of regionalist literature, it made us understand that there was a discursive elaboration allied with political purposes for the construction of the Brazilian national State still in the 19th century. Thus, we have resorted to the reading of the Stories published in the 19th century, from which ones we deem to find the basis for the formation of the thinking about the regionalist strand in the Brazilian literature in Ferdinand Denis, in his Summary of the literary history of Brazil, of 1826 and in the History of the Brazilian Literature, in five volumes, by Sílvio Romero, published in 1888. In this way, we have started to verify how Denis and Romero helped to organize criteria that led to the formation of a categorization of the literature that served the nationalizing function. This systematization was responsible for the formation of the regionalist literary strand, inasmuch as it created a way of reading and producing literature. On the processes of national construction, we have based on the studies of Miroslav Hroch (2000) and Eric Hobsbawm (1990), in order to observe common points to the process that was tried to implant here, via literature. Therefore, this work has been organized in two parts. The first one, which sought to verify how the regionalist strand in the Brazilian novel was constituted, consisted of two chapters: one, on the results of the mapping in the historiography of the 20th century and Ferdinand Denis's contributions, from his Summary; and the second chapter, about Sílvio Romero and the turning of the whole national to the regionalization, thought from the conceptions of the race, culture and the ethnographic method, as well as the construction of a critical and interpretative method for the literature. The second part of the work, whose objective was to verify if there is incidence of the critical apparatuses in question in the literature labeled regional, it was constituted of the reading of three novels that we consider important to think the trajectory of this literature called regionalist. In this way, we try to think these narratives from the critical apparatus that was intended to build through Denis and Romero in what refers to the representation of the landscape and the constitution of a common people, relating to the conceptions that were inscribed in the historiography of the 20th century.

Keywords: *National/Regional; Regionalist discourse; Ferdinand Denis; Sílvio Romero; Literary historiography; Brazilian novel.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
DO NACIONAL AO REGIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DO DISCURSO REGIONALISTA PARA A LITERATURA BRASILEIRA.....	18
1.1 Uma amostra do discurso regionalista a partir da historiografia literária do século XX.....	19
1.2 Antes do discurso regionalista, a construção de uma literatura nacional.....	30
DE FERDINAND DENIS A SÍLVIO ROMERO, DO NACIONAL AO REGIONAL: AMPLIAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE UM PROJETO PARA A LITERATURA BRASILEIRA.....	42
2.1 Romero e a imposição de um método interpretativo para a literatura.....	43
2.2 Romero e a “modernização” do projeto nacional para a literatura.....	47
2.2.1 Da imagem às imagens, a formação imaginária a partir da literatura nacionalista.....	47
2.2.2 O critério etnográfico como método de interpretação.....	56
UMA LEITURA DE <i>INOCÊNCIA</i>, DE VISCONDE DE TAUNAY.....	69
3.1 <i>Inocência</i> à imagem da literatura regionalista?.....	69
3.2 Uma leitura dos “modos de fazer” na “Casa do mineiro”	79
3.3 Do conflito à fuga.....	90
UMA LEITURA DE <i>DONA GUIDINHA DO POÇO</i>, DE MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA.....	93
4.1 <i>Dona Guidinha</i> e uma imagem em segundo plano.....	93
4.2 <i>Dona Guidinha do poço</i> e a recusa aos “modos de fazer”	98
UMA LEITURA DE <i>VIDAS SECAS</i>, DE GRACILIANO RAMOS.....	104
5.1 <i>Vidas secas</i>, a imagem de uma família em movimento.....	104
5.2 Sobre os “modos de fazer” em <i>Vidas Secas</i>.....	106
5.2.1 Dos “modos de fazer”, uma denúncia.....	106
5.2.2 Dos “modos de fazer”, uma exclusão.....	112
5.3 Para quem serve a exploração da imagem da seca?.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120

REFERÊNCIAS	124
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

O percurso trilhado durante a pesquisa e escrita deste texto torna imperativo o convite à releitura das narrativas tradicionalmente lidas sob a convenção do regionalismo. As regras, os parâmetros, os métodos – matéria da crítica literária do século XIX e XX – não fazem sentido sempre e em qualquer circunstância. A disparidade, no entanto, se acentua quando um conjunto de regras fixas pretende servir à leitura de uma grande quantidade de textos literários. Da sua forma peculiar, a literatura também mimetiza a vida, e se podemos entendê-la como uma forma de compreender o mundo e com ele se relacionar, deve ser vista como resultado próprio da existência do escritor, que, pela matéria humana comum, pode levar o leitor a também se (re)conhecer. O espaço, quando aparece na narrativa, torna-se reconstrução imaginária, revivida, recomposta, a geografia é ficcional e, ainda que se assemelhe a determinados lugares físicos e conhecidos de outrora, quando representado no papel, toma outra dimensão a partir do olhar remodelador e interpretativo do escritor. Entender a literatura e sua potência, inclusive a de recriar espaços, nos livra da armadilha de acreditar que a “tarefa” de descrever fielmente os lugares, atribuída à literatura no século XIX, faz sentido.

Em conferência intitulada “Caminhos da crítica: A crítica literária e seus descontentes”¹, o Prof. João Cezar de Castro Rocha afirma que os critérios utilizados pelos nossos teóricos e críticos remetem ao início do século XX, período da revolução modernista e das vanguardas denominadas históricas. Segundo Rocha, tal fato torna necessária uma reinvenção da crítica, pois a literatura contemporânea exige uma nova perspectiva capaz de descobrir a potência da circunstância do agora. Para o conferencista, a crítica de extração universitária não dá conta da potência da literatura contemporânea em tempos de novas mídias e multiplicidades. Tratando-se da literatura que, convencionalmente, foi classificada por regionalista, vemos um recuo ainda maior, uma vez que os critérios que montaram a sua base remetem à primeira metade do século XIX, com as primeiras tentativas de construir uma história para a literatura brasileira. Décadas depois, a literatura que foi sendo classificada como regionalista não encontrou correspondente na crítica que desse conta do seu manancial semântico e de sua leitura. O problema do nosso tempo, sinalizado por Rocha, ocorreu

¹ ROCHA, João Cezar de Castro. Ciclo de Conferências "Caminhos da crítica": "A crítica e seus descontentes". Rio de Janeiro, 18/3/2014.

também no século XIX e XX e as leituras decorrentes desse modo de ver/ler (por isso, reduzidas) ainda ecoam.

Mostra disso é que, não raras vezes, escritores de literatura recusam o rótulo regional. Além disso, na dinâmica “regional *versus* universal”, a crítica, via de regra, determina o lugar subalterno à literatura considerada regionalista. Foi olhando para essas questões, desde o nosso trabalho de Mestrado, concluído em 2013, que passamos a nos inquietar com o modo, ora preconceituoso, ora equivocado, de como essa literatura era concebida e amparada pela crítica. Naquele momento, investigamos uma das cenas mais vitais da literatura chamada regionalista – o Romance de 1930. Já neste curso de doutorado, ampliamos o nosso campo de atenção, nos ocupando da chamada “Tradição regionalista no romance brasileiro”². A partir do componente curricular “A narrativa regionalista das origens à contemporaneidade”, ministrada pelo prof. Dr. Ulisses Infante e orientador desta pesquisa, recuamos o nosso olhar para o século XIX, momento de formação dessa literatura, bem como do seu aparato crítico. Assim, tomamos duas questões para este trabalho: 1) *como se constituiu a vertente regionalista no romance brasileiro?*; e 2) *há incidência do discurso regionalista propagado pela historiografia na literatura rotulada de regional?*

Centrados nessas questões, optamos por recorrer à historiografia do século XX (não aos textos de crítica espaçados que iam sendo publicados periodicamente). A opção por recorrer à parte da historiografia se deu por dois motivos: primeiro, pelo seu caráter recorrente e ainda de uso como material didático nos cursos de formação de professores em Letras³, mesmo após o declínio da historiografia, com o advento de outras correntes críticas; e, segundo, por acreditar que a historiografia cumpre o papel de compilar o que circulava sobre a concepção de literatura naquele momento.

Deste modo, iniciamos o nosso trabalho por um mapeamento na historiografia literária do século XX, a partir de onze *Histórias* da literatura brasileira. As onze *Histórias* foram selecionadas de acordo com a acessibilidade e disponibilidade nas bibliotecas voltadas para os cursos de Letras de nossa circulação. A leitura centrou-se somente nas seções dedicadas ao tratamento da literatura regionalista. Foram mapeadas as *Histórias* de Afrânio Peixoto, Nelson Werneck Sodré, Lúcia Miguel-Pereira e Afrânio Coutinho (publicadas respectivamente em 1931, 1938, 1950 e 1959). Ainda fizemos a leitura e fichamento de

² Fazemos menção ao estudo de José Maurício Gomes de Almeida (1999).

³ Ver: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. “História Literária e ensino de literatura brasileira: as armadilhas curriculares”. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem11pdf/sm11ss09_07.pdf. Acesso em 3/11/2018.

Antonio Candido (1969), em *Formação da literatura brasileira*, no capítulo “O regionalismo como programa e critério estético”; Alfredo Bosi (1978), em *História Concisa da Literatura Brasileira*; Massaud Moisés (1989; 1971), em *História da literatura brasileira* (Vol. II) e *A literatura brasileira através dos textos*; Dino Fontana (1972), em *Literatura brasileira – síntese histórica*; Wilson Martins (1974), em *A literatura brasileira* e Benjamin Abdala Junior (1986), em *Tempos da literatura brasileira*.

Os resultados desse mapeamento nos fizeram suspeitar de que a base do discurso regionalista remetia ao século XIX, sobretudo ao nacionalismo e ao cientificismo, que circulava naquele momento. Os resultados apontaram para uma elaboração discursiva ancorada em teorias raciais e deterministas aliada a propósitos políticos para a construção do Estado nacional brasileiro, ainda no século XIX. Por isso, recorreremos, inicialmente, à leitura da *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, em cinco volumes, publicada em 1888. As referências ao cientificismo europeu já aparecem no primeiro capítulo do primeiro volume, ao tratar dos “Fatores da literatura brasileira”. A primeira referência é ao *Le Brésil Littéraire*, de Ferdinand Wolf, de 1863, o que nos fez recorrer à sua leitura. Lemos ainda, conduzidos pela indicação de Romero, o *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*, de Almeida Garret, publicado em 1826; os três volumes do *Florilégio da poesia brasileira*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, publicado em 1850; mas foi no pequeno *Resumo da história literária do Brasil*, de Ferdinand Denis, publicado em 1826, que julgamos encontrar as bases para a formação do pensamento sobre a vertente regionalista na historiografia do século XX. Primeiro, com Denis e o seu olhar sobre as terras brasileiras, como aptas a dar inspiração aos poetas que deveriam criar uma literatura nacional; e depois, com Romero, a partir da organização científica, ampliação e regionalização dessa ideia, esboçadas ao longo de sua *História*.

Assim, passamos a verificar como Denis e Romero ajudaram a organizar critérios, a partir de parâmetros da modernidade europeia tais como o evolucionismo e o positivismo, que levaram à formação de uma categorização da literatura que atendia à função nacionalizante. Acreditamos que essa sistematização teórica foi a responsável pela formação da ideia da vertente literária regionalista, na medida em que criou um modo de ler e de produzir literatura.

O francês Jean Ferdinand Denis desembarcou no Brasil em 1818 e aqui permaneceu até 1821. Em parceria com Hippolyte Taunay, membro da Missão Artística Francesa, enviado ao Rio em 1816, publicaram seis volumes de *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, entre 1821-1822. Ocupou o cargo de bibliotecário e

depois curador da Bibliothèque Sainte-Geneviève, em Paris, desde 1838 até a sua morte, em 1890. Mesmo após ter retornado à cidade natal, Denis continuou a se interessar pelos temas brasileiros e lusitanos. Em 1826, publicou o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal* e em seguida o *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, em volume único, com duas partes. A parte dedicada a Portugal conta com trinta e cinco capítulos; e a segunda parte, sobre a literatura brasileira, apresenta oito capítulos. A versão utilizada para este estudo é o *Resumo da história literária do Brasil*, traduzido e prefaciado por Guilhermino Cesar e publicado em 1968.

Já Sílvio Vasconcelos Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto, estado de Sergipe, em 1851. Seguiu para o Rio de Janeiro em 1863 para fazer os preparatórios no Ateneu Fluminense. Em 1868, matriculou-se na Faculdade de Direito, em Recife. Durante os anos de faculdade, escrevia para jornais e revistas como *A Crença*, *O Americano*, *Correio Pernambucano*, *Diário de Pernambuco*, *O Movimento*, *Jornal de Recife*, *A República* e *O Liberal*. Nesse período, conheceu Tobias Barreto e se aproximou da “Escola do Recife”, quando entrou em contato com as ideias positivistas e evolucionistas. Concluiu o curso em Direito em 1873.

Tornou-se promotor público em Estância - SE, onde fundou o Clube Republicano da cidade. Foi eleito deputado à Assembleia Provincial, cargo a que renunciou em 1875, para ingressar na vida acadêmica. Logo na primeira tentativa, naquele mesmo ano, para ocupar o cargo de professor de filosofia no Colégio das Artes, entrou em acirrado debate com os examinadores, de modo que a banca optou por encerrar a sessão. Além de não ter conseguido o cargo pretendido, Romero teve de responder a um processo por crime de injúria, do qual foi absolvido.

Após esse episódio, foi nomeado juiz municipal e de órfãos, em 1876, na cidade de Parati-RJ, onde exerceu essa função até 1879. De volta ao Rio de Janeiro, colaborou no jornal *O Repórter* e em 1880 consegue uma vaga, via concurso, para lecionar filosofia no Colégio Pedro II. Nesse momento, dedicou-se a escrever a *História da literatura brasileira*, em cinco volumes, obra utilizada para este estudo.

Os pressupostos iniciados por Denis sobre a literatura brasileira estavam embebidos do “modo de fazer nacional” europeu. O início do século XIX foi bastante profícuo para a constituição dos estados nacionais na Europa, o que incide diretamente no modo de conceber os métodos para ler e escrever literatura. Ademais, o pouco tempo que o viajante passou no

Brasil, apenas três anos, só foi suficiente para construir um saudosismo romântico e uma imagem demasiadamente edênica.

Sobre os processos de construção nacional na Europa, tomamos os estudos de Miroslav Hroch (2000) e Eric Hobsbawm (1990) a fim de verificar pontos em comum com o processo que se tentou implantar aqui, via literatura. Coube a Sílvio Romero a tarefa de ampliar o que leu em Denis e continuar o processo de construção nacional. Vemos na *História* de Romero vários pontos de conciliação com o *Resumo* de Denis, especialmente no que se refere à concepção sobre a paisagem brasileira e a ideia de uma suposta potência (quase autônoma) para produzir literatura. Romero fez o trabalho de ampliar e sistematizar cientificamente as acepções sobre a literatura brasileira iniciadas no princípio do século XIX pelos viajantes estrangeiros. Além disso, regionalizou a imagem que antes representava o “todo brasileiro”, constituindo identidades para as regiões de acordo com alguns traços naturais da paisagem.

Nesse trabalho, as ideias científicas europeias que circulavam no início do século XIX, tais como o evolucionismo e o positivismo, foram aplicadas ao estudo da literatura, constituindo um método crítico de ler. Nesse sentido e como afirma Roberto Ventura (1991, p. 11; grifo nosso), “A relação entre **crítica e história** desponta, portanto, como questão fundamental. Sílvio Romero procurou aproximá-las, ao atribuir à crítica a missão de contribuir para a construção da nacionalidade”. Desse modo e amparadas pela ciência positivista, válida naquele momento, crítica e historiografia eram sinônimas e aliadas.

Ferdinand Denis bebe da *História Natural*, que tinha por método descrever todos os elementos do mundo natural com a finalidade de catalogá-los e torná-los conhecidos. Era inerente a esse método a ideia da descrição, “quanto fiel, melhor”; e a ideia do pitoresco, “quanto mais exótico e desconhecido, melhor”. Vale salientar que o “quadro de elementos do mundo natural” incluía seres humanos não europeus, muitos desses, na categoria de exóticos. A fascinação pelo mundo natural, sobretudo pela exuberância das matas brasileiras, que ecoava desde as primeiras cartas do descobrimento, entra no texto de Denis como critério de inspiração por si só apta a criar poetas. E é nesse sentido, aliando matéria (a natureza exuberante) e método (da descrição), que Denis propõe um modo de fazer literatura no Brasil e sobre o Brasil.

Encontramos em Romero os parâmetros estipulados por Denis e uma ampliação teórica disso, amparada pelo cientificismo, que alia o determinismo geográfico ao racial. Inicialmente, com as ideias de raça e meio; e, depois, com a ampliação para o conjunto de

costumes, a partir do método etnográfico, em expansão naquele momento. A junção da observação da natureza e a consequente descrição aliada ao meio, raça e costumes constituíram-se como elementos essenciais que desembocaram na construção identitária ligada às regiões, no sentido de reforçar e ser uma segunda etapa do processo nacional. A literatura, como elemento intrínseco à sociedade (na concepção romeriana), vai servir à formação e constituição de imaginários. Assim, a literatura considerada regionalista ganha papel preponderante, sobretudo, no sentido de representar e reafirmar estereótipos de grupos sociais que ocupam os lugares subalternos na sociedade. Desse modo, as recorrentes leituras que seguem os padrões estipulados por Denis e Romero e leem essas narrativas a partir de traços como o isolamento, tipos fixos, conjunto de costumes sempre imutáveis e caricaturados, escamoteiam o manancial semântico dessas narrativas. Assim, trazem em seu lugar fatores artificiais vinculados a interesses das camadas dirigentes locais ligadas, quase sempre, a um poder central que precisam da criação e manutenção da ideia de uma suposta subalternidade atrelada a esses grupos sociais minoritários.

Essas questões nos fizeram recorrer às próprias narrativas para averiguar se havia contrapartida aos parâmetros historiográficos. Optamos por selecionar textos literários que foram categoricamente associados ao regionalismo, no sentido de perceber se havia abertura para outro tipo de leitura. Assim, selecionamos a obra *Inocência*, de Visconde de Taunay, publicada em 1872, por ser consensualmente considerado precursora da literatura sertaneja, como nas palavras de José Maurício Gomes de Almeida (1999, p. 101), “Efetivamente, *Inocência* inaugura a linhagem propriamente sertaneja no nosso regionalismo”; *Dona Guidinha do Poço*, de Manoel de Oliveira Paiva, que se torna recorrente exemplo do “naturalismo/realismo regionalista” e como resultado de pensar “homem e meio imbricados”, como Nelson Werneck Sodré (1976) apresenta em sua *História*; e, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, publicado em 1938, recorrentemente colocado como representativo do ciclo de “literatura das retiradas” e, por isso, regionalista.

Após a leitura dos referidos romances, na elaboração dos três últimos capítulos deste trabalho, verificamos que há possibilidades múltiplas de leitura, inclusive, distantes dos ideais propagados pela crítica do século XIX e continuados no século XX. Mesmo numa construção aparentemente dentro dos “padrões regionalistas”, não há margem para pensar os respectivos protagonistas, por exemplo, dentro de uma dinâmica determinista, seja pelo meio ou pela raça. Isso nos obrigou a voltar aos dois primeiros capítulos para readequá-los à nossa leitura dos romances. Assim, onde havia a designação “literatura regionalista”, trocamos por “literatura

dita regionalista” ou “chamada regionalista”. A troca foi imperativa, sobretudo, após a leitura dos romances, por suspeitarmos que não há, a priori, uma literatura categoricamente regionalista, mas o que se constitui como tal é a leitura que se faz de tais textos, a partir de determinados aparatos críticos ligados ao discurso regional e não de outros.

Assim sendo, este trabalho está organizado em duas partes. A primeira, que busca verificar como se constituiu a vertente regionalista no romance brasileiro, composta por dois capítulos: o primeiro, sobre os resultados do nosso mapeamento na historiografia do século XX e as contribuições de Ferdinand Denis, a partir de seu *Resumo*; o segundo, sobre Sílvio Romero e a construção de um método crítico e interpretativo para a literatura, a partir dos conceitos científicos e correntes da época, além da ampliação do todo nacional para a regionalização, junto com as concepções em torno da raça, cultura e do método etnográfico.

A segunda parte, cujo objetivo é verificar se há incidência dos aparatos críticos em questão na literatura rotulada de regional, será constituída da leitura de três romances que julgamos fundamentais para pensar a trajetória da literatura dita regionalista. Buscaremos, na leitura desses romances, não fazer um estudo crítico ou um modelo de leitura, mas pensá-los a partir do aparato teórico que se pretendeu construir por meio de Denis e Romero no que se refere à representação da paisagem e à constituição de um povo comum, relacionando com as concepções que se inscreveram na historiografia do século XX.

O primeiro capítulo, intitulado **Do nacional ao regional: considerações sobre a formação e manutenção do discurso regionalista para a literatura brasileira**, está dividido em duas partes. Uma, que apresenta os resultados do mapeamento nas onze Histórias da literatura brasileira do século XX; e a outra parte, que busca apresentar algumas notas sobre o pensamento de Ferdinand Denis, no que se refere à construção de parâmetros para a nossa literatura, a partir de seu *Resumo*.

O segundo capítulo, cujo título **De Ferdinand Denis a Sílvio Romero, do nacional ao regional: ampliação e constituição de um projeto para a literatura brasileira**, também está organizado em duas partes. A primeira, quando buscamos apresentar as linhas por onde Romero sistematiza o seu método interpretativo; e a segunda parte, que trata da relação entre Romero e seu precursor Denis, quando convergem no projeto de formação de uma literatura nacional. Nesse segundo momento, tratamos do método descritivo como ferramenta de construção de um imaginário ideal para a nação e as ideias de meio, raça e cultura, como elementos de interpretação/enquadramento de determinadas “comunidades imaginadas”.

Na segunda parte do trabalho, que se refere à leitura das obras, buscamos entender até que ponto poderíamos associar a literatura lida aos parâmetros de leitura e escrita da literatura promulgados por Denis e Romero. Por este motivo, optamos por aplicar dois questionamentos aos três romances lidos. Tais questionamentos, a nosso ver, resumem a base de pensamento de Denis/Romero nos respectivos *Resumo/História*, no que se refere à construção de parâmetros para a literatura nacional primeiro, e regionalista depois. Assim, questionamos, “o referido romance constrói uma imagem para o Brasil?” e “o referido escritor toma o critério etnográfico para criar o enredo, com traços como tipos fixos, a ideia do isolamento e/ou costumes exóticos?”.

Assim, o terceiro capítulo, **Uma leitura de *Inocência*, de Visconde de Taunay**, está organizado em três partes. A primeira, quando questionamos qual a imagem que se constrói no romance e se há relação com os parâmetros de Denis, principalmente; a segunda parte, na qual observamos quais são os traços de tipo fixo, ideia de isolamento ou de costumes comuns no romance, a partir das ideias de Romero; e a terceira parte, quando lemos a fuga aos padrões deterministas impostos pela crítica.

O quarto capítulo, intitulado **Uma leitura de *Dona Guidinha do Poço*, de Manoel de Oliveira Paiva**, lemos o romance escrito em 1891, mas só publicado postumamente por Lúcia Miguel-Pereira. Ao romance de Paiva, aplicamos os dois questionamentos mencionados, sobre a imagem constituída na narrativa e sobre os “modos de fazer” do enredo. A partir disso, recorreremos a relatos jornalísticos, aos quais Paiva parece fazer menção no romance.

No quinto capítulo, **Uma leitura de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos**, aplicamos os mesmos questionamentos dos dois capítulos anteriores. Sobre a imagem em *Vidas Secas*, consideramos o trânsito e a (des)localização, tanto no enredo, quanto no plano da construção narrativa. A partir desse caráter móvel, encontramos uma incompatibilidade com o padrão rígido de atribuição de características relacionadas ao terreno fixo, da segunda questão.

Deste modo, deixamos o convite não propriamente para a leitura deste trabalho, mas para a releitura dessas narrativas e de outras que, sob o rótulo do regionalismo, tiveram as suas potencialidades semânticas escamoteadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer estas considerações, que não se pretendem finais, torna-se imprescindível retomar o objetivo deste trabalho: “Verificar como se constituiu a vertente regionalista no romance brasileiro e se há incidência na literatura, rotulada de regional”. No processo de verificação, encontramos duas respostas: a primeira, é que, indiscutivelmente, a matéria da literatura é a vida dos homens e das mulheres reais e não apenas o substrato material/espacial como um ente autônomo; a segunda, é que as categorizações fechadas e sustentadas pela crítica acerca da literatura chamada regionalista obedecem a um projeto primeiro nacionalista, depois regionalista de interesse das classes dominantes.

Tratando-se da literatura e sua matéria, é preciso considerar que a historiografia teve um papel imperativo no sentido de construir um modo de ler e, conseqüentemente, de produzir literatura. Os precursores, Ferdinand Denis e Sílvio Romero, construíram, por meio da historiografia, um projeto para a literatura, primeiro em termos nacionalistas e depois pela regionalização. Os ideais propostos pelos dois intelectuais acerca da literatura constituíram um arsenal de leitura que, por sua vez, definia lugares no cânon, a partir da estetização do uso de alguns métodos. Em Denis, quanto mais descritivo e edênico, melhor; em Romero, quanto mais regional, provinciano, melhor. Pela repetição desses parâmetros e pela voz legitimada desses críticos, os escritores desejosos de alcançar um “lugar ao sol”, acabavam por aderir ao programa. Apesar disso, a adesão não foi suficiente para provocar uma contrapartida na literatura, pois o iminente caráter de arte acaba emergindo na pena dos escritores mais sensíveis.

A leitura que fizemos de *Inocência*, *Dona Guidinha do poço* e *Vidas secas* nos mostrou a esterilidade do aparato crítico que se refere à literatura dita regionalista e a base de sua construção, que é de ordem política e social. Vale salientar que há notas dominantes comuns entre as narrativas, mas é preciso encará-las como releituras, reapropriações, ressignificações, dinâmicas próprias da composição artística e não como resultado de uma “camisa de força” ou categoria incômoda. Além disso, essas notas dominantes referentes à representação do espaço devem ser lidas como um processo de reconstrução simbólica própria dos homens ao compreender e conceber o seu espaço, como nos aponta Frémont (1980, p.17) e como já mencionado no quinto capítulo, “A região, se existe, é um espaço vivido”. Acreditamos que a representação do espaço na literatura, via de regra, é parte desse processo

de apropriação, de reconstrução, como um reflexo de descoberta própria da vida. Moraes (2005) nos indica que todas as formas espaciais são produtos históricos, o espaço se produz pela ação humana, no caso da literatura, pelas narrativas advindas dessa ação humana de narrar.

As representações regionais, quando ocorrem na literatura, primeiro e em caso de repetição de imagens comuns, devem ser encaradas como notas dominantes e não como circuito fechado de produção; segundo, as representações das regiões acontecem nas narrativas porque elas precisam existir, não por ocasião de uma categoria artificial “regionalista”, mas pelo efeito de produção de sentido à própria existência. O espaço é produzido pelas vivências e relações sociais estabelecidas, a reprodução disso pela narrativa é o processo de reviver, rejeitar (e se curar)⁴⁰, sentir ou imortalizar, e não o espaço como um ente autônomo, mas o espaço vivido, intrinsecamente ligado à existência.

Tal concepção vai na contramão da proposta perpetuada pela historiografia do século XX e iniciada por Denis e Romero, no século XIX. Neles, é a natureza que se impõe à representação, inclusive na criação de tipos humanos e não o contrário. Nesse sentido, a literatura é vista apenas pelo viés histórico e social. Conceber a literatura a partir desse caráter remete ao problema sustentado pelo cientificismo, que vê as razões apenas nos processos históricos e não nos homens e mulheres reais.

Sobre a segunda resposta, iniciamos retomando Eric Hobsbawm (1990), quando afirma que a nação é inventada a partir de um propósito político. Retoma-se, também, o trabalho de Miroslav Hroch (2000), quando sinaliza que a nação é definida como um grupo social integrado pela combinação de relações objetivas (econômicas, políticas, linguísticas, culturais, religiosas, geográficas e históricas) e subjetivas (a partir do reflexo na consciência coletiva). Assim, torna-se explícito o papel desempenhado por Denis e Romero a partir das diretrizes elaboradas para a constituição de uma literatura nacional, tanto no nível objetivo, quanto no subjetivo, de criação de imaginários.

Segundo Hroch (2000), há três pontos insubstituíveis para a formação da ideia nacional: a lembrança de algum passado comum, pelo menos, comuns aos seus componentes centrais; uma densidade de laços linguísticos ou culturais que permitam a comunicação dentro do grupo; e uma concepção que afirme a igualdade de todos os membros do grupo, organizado como sociedade civil. Simplificadamente, vemos no projeto de Denis e Romero o primeiro ponto, configurado pela independência política, como um passado comum que

⁴⁰ Ver Gilles Deleuze (1997).

precisava ser superado pela formação de uma literatura autônoma; o segundo ponto – com a tentativa da construção de similaridades na produção de uma literatura nacional, pela formação de diretrizes comuns para a escrita da literatura; e o terceiro ponto, Denis e, com mais evidência, em Romero, a homogeneização dos “tipos” brasileiros com a qual tentaram compor um quadro fixo e imutável do povo, como uma comunidade nacional.

Tais evidências revelam que os parâmetros estipulados para a constituição da literatura que foi chamada por regionalista atendem, em primeira ordem, à formação nacionalista de interesse das classes dirigentes. Como nos mostra Moraes (2005), a ideia nacional tem forte conotação cartográfica, e o Brasil, pela sua grandeza natural e espacial, tornou comum o processo de apreensão da exploração do “povo” para a construção do país. No que se refere ao projeto crítico para a literatura dita regionalista, essa exploração veio pela imagem e pela constituição identitária, no sentido ser forte agente na criação de tipos fixos e caricaturados.

A regionalização, que corresponde à segunda etapa do processo de construção nacional, aparece na *História* de Romero também pela organização e personificação de tipos para a literatura como os “sertanejos, matutos, tabaréus, caipiras, as moreninhas e mulatas”. Esses tipos são produto da invenção de determinadas regiões, ou seja, inventa-se a região e, conseqüentemente, o tipo para habitá-la. Romero apresenta todos os elementos teóricos (as crenças no meio, na raça e na cultura – no sentido etnográfico) para essa construção discursiva. Como vimos no segundo capítulo, no primeiro volume de sua *História*, Romero apresenta o meio como um dos fatores da literatura. As diversas páginas acerca das peculiaridades das regiões brasileiras trazem descrições que vão desde a fauna, a flora, o clima e até a economia. Além disso, há uma tentativa de divisão geográfica baseada no clima, “zona quente” e “região fresca”. Nessa divisão, Romero já falava sobre o norte do país como uma região seca, ou “o teatro das secas”; e sobre as terras altas, compreendendo a região de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, uma região mais fresca e menos desagradável. Romero considera o clima como elemento que vai incidir negativa ou positivamente sobre os indivíduos, assim, o norte terá uma imagem negativa, por ser mais quente; e ao sul será atribuída uma imagem positiva, por ser mais fresco. A reprodução desses espaços e tipos fixos pela literatura acaba por cimentar “laços entre os indivíduos tendo por referência os locais de origem ou de residência” (MORAES, 2005, p. 101). Esse processo cria falsas comunidades de interesses e veicula uma ilusão de identidade. Para Moraes (2005), essa mentalidade

corporativa de base regional acaba sendo bastante eficaz na política brasileira, na medida em que constrói identidades restritas e segregadas.

Além disso, essa dinâmica inclui o horizonte nacional, para as elites; e o local, regional, para as camadas populares (MORAES, 2005). Esse duplo direcionamento de horizonte acaba servindo de metáfora à própria categorização artificial da literatura: o universal retrata a burguesia e é considerada superior; o regional tem por matéria as camadas populares e ocupa o lugar subalterno na crítica literária. Esse direcionamento protagonizado por Romero/José Veríssimo e Alencar/Machado de Assis são também leituras estéreis. Vimos que Alencar retrata o urbano e Assis, por sua vez, enveredou-se por ambientações campestres.

No âmbito político, histórico e social, o discurso regionalista serve à exploração. Como exemplifica Moraes (2005), no processo “São Paulo explora o Nordeste” esquecemos que lugares não são pessoas e somente pessoas podem explorar lugares e pessoas. Implícita a esse processo, está a “estetização do atraso”, sobre a qual repousa a base do pensamento de Gilberto Freyre, que reverberou na crítica sobre a literatura chamada regionalista. Desde os ideais da História Natural, da qual bebeu Denis, a ideia de “quanto menor e atrasado, mais fácil de ser dominado” reaparece aí. A acentuação do atraso é proporcional à condição de dominação. Sabemos que a “estetização do atraso”, promovida por Freyre, é uma construção, assim como todos os discursos que motivaram as grandes navegações, colonização, nacionalismos.

Torna-se imprescindível ver/ler a literatura fora do mero enquadramento espacial, da paisagem. É preciso ver também as relações humanas reconstruídas nas narrativas, bem como os espaços (quando aparecem) como resultado da atribuição de sentido a partir das vivências e memórias. Tomar a representação do substrato material como mecanismo único de definição das narrativas escamoteia os fluxos de vida ali (re)construídas. O espaço ficcional é geografia imaginária e imaginada, tal como são imaginários e imaginados os demais âmbitos da experiência humana postos na literatura, a partir das experiências do escritor que muito vê e muito ouve⁴¹, em suas vivências, dores, prazeres. De outro modo, o incômodo rótulo do regionalismo continuará a embaçar as lentes dos leitores e a tornar secundário o caráter de arte próprio da literatura, escamoteando o manancial semântico dessas narrativas.

⁴¹ Ver Deleuze (1997).

REFERÊNCIAS

- ABDALA JR., Benjamin. *Tempos da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- AMADO, Jorge. *Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Histórias da meia noite*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- _____. *Instinto de nacionalidade* - Notícia da atual literatura brasileira. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/355080/mod_resource/content/1/machado.%20instinto%20de%20nacionalidade.pdf> Acesso em: 20/6/2018.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 1, 2006.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.
- CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”. In: *Dados, Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, pp. 229-250.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet. & C, Editores, 1937.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Iná Elias de. *Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições*. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1992.

CLAVAL, Paul. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. In: *Geosul*, v.18, n.35, 2003.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SANTIAGO, Rosilene Almeida. *A violência contra a mulher: antecedentes históricos*. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/313/261..>> Acesso em 25/7/2018.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. III. 2 ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre-RS: Lima, 1968.

FONTANA, Dino F. *Literatura Brasileira: síntese histórica*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1972.

FRADE, Cásia. *Folclore/Cultura Popular: Aspectos de sua História*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_aspectos.pdf>. Acesso em 29/8/2018.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

GARCIA, Luiz Fernando. *O Idílio entre a tradição e a modernidade: uma releitura de Amar, verbo intransitivo, Mário de Andrade*. Tese de Doutorado. UNESP / Assis, 2018.

GARRET, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: *Parnaso Lusitano*. Paris: J. P. Aillaud, 1826.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

_____. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

- HROCH, Miroslav. Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Editorial Presença, 1962.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira. O modernismo*. Vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. *História da literatura brasileira*. Vol. II. Romantismo. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do poço*. São Paulo: Ática, 1981.
- PEDROSA, Célia. Nacionalismo Literário. In: JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- PEIXOTO, Afrânio. *Noções de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- _____. *Sinhazinha*. 7 ed. São Paulo: Clube do livro, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PORDEUS, Ismael. “À Margem de Dona Guidinha do Poço”. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, Ano LXV, n.30, 1961.
- PORDEUS Jr., Ismael. Uma poética do sertão. In: *Revista de Ciências Sociais*. V. 30, n 1/2, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru - SP: Edusc, 1999.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 53 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 111 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- REZENDE, Maria Valéria. *Outros cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira* (Vol. I). 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- _____. *História da literatura brasileira* (Vol. II). 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- _____. *História da literatura brasileira* (Vol. III). 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. *História da literatura brasileira* (Vol. IV). 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. *História da literatura brasileira* (Vol. V). 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. *Introdução á historia da litteratura brazileira*. Rio de Janeiro: Typographia nacional, 1882.

_____. “As zonas sociais e a situação do povo” (1906). In: *O Brasil social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHIAVINATTO, Iara Lis. “Imagens do Brasil: Entre a natureza e a História” In JANCSÓ, István (Org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

_____. “Introdução”. In: *História da literatura brasileira*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: FTD, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. As duas estruturas da imagem literária. In: *Verbo de Minas: letras*. V. 6, N. 10, Juiz de Fora, 2006, p. 11-50.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Florilégio da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987. 3 v.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 7 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

WOLF, Ferdinand. *Le Brésil littéraire: histoire de la litterature brésilienne*. Berlin: Ascher, 1863.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola, 2007.